

HIGIENE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO (1930-1939)

EDIVALDO GÓIS JUNIOR¹

Articulações entre saúde e educação: uma intervenção higienista

Na década de 1930, na então capital federal, Rio de Janeiro, o debate intelectual que colaborou para constituição de uma mentalidade higienista teve novos contornos. O cenário político favoreceu uma centralização do Estado. Sendo o Rio de Janeiro, o centro administrativo da República, haveria a necessidade de articulação entre as políticas governamentais no âmbito da educação e saúde (HOCHMAN, 1998), sobretudo naquela cidade. Nesse sentido uma presença maior dos intelectuais em cargos governamentais poderia garantir a efetivação de uma série de estratégias que visava à construção de uma reforma mais ampla da sociedade pautada pela modernidade que residia também nas reformas de hábitos, como, a higiene e a educação do corpo².

O que objetivamos neste estudo foi considerar como essas estratégias, ligadas especificamente à educação do corpo, afetavam o cotidiano escolar. Tínhamos como hipótese de que esta influência fosse limitada, havendo uma distância sobre o que era pensado e executado. (CARVALHO, 1998)

O estudo teve como fontes, principalmente, os jornais “O Paiz”, e o “Jornal do Brasil”, no período de 1930 a 1939. O corpo documental foi composto por 37 artigos, sendo que sete (07) foram analisados nesta pesquisa, pois envolviam as categorias específicas “ginástica escolar”; “higiene escolar” e “educação higiênica”.

A análise dos dados empíricos foi realizada na perspectiva de que qualquer discurso é datado, por isso, sua interpretação descontextualizada, apenas pode produzir anacronismos (VEYNE, 2008). Ignorar o contexto e os valores específicos daquela época comprometeria esta narrativa, pois esta interpretação deveria partir dos discursos próprios da década de 1930 que envolviam um contexto de valorização da saúde e educação públicas. Nos termos de Paul Veyne (2008), “[...] o discurso ocorre tão naturalmente para designar o que é dito quanto o termo prática para designar o que é praticado. [...] E o discurso também não é ideologia: seria

¹ Professor Doutor da Unicamp. Esta pesquisa contou com o financiamento da FAPESP, Projeto Regular de Pesquisa. Processo n. 2013/15043-7.

² A educação do corpo reside em estratégias, técnicas, práticas, políticas voltadas ao corpo, tais como, higiene, ginásticas, esportes, regimes alimentares, roupas, inseridas em diversos contextos educacionais formais e não formais (SOARES, 2014).

quase o contrário; ele é o que realmente é dito, sem que os locutores o saibam.” (p. 252). Enfim se no campo ideológico existe coerência, planejamento, uma lógica, no discurso o que é dito tem uma gramática casual, são os acasos da história, e não uma lógica que edifica uma estrutura. Por isso, teremos a preocupação de analisar os documentos, construindo uma narrativa marcada pelo tempo e espaço. Para isso, cabe-nos no momento, partir do cenário da cidade do Rio de Janeiro, evidenciar questões relacionadas à saúde e educação públicas, para posteriormente, observarmos, como eram noticiadas as intervenções higienistas sobre a educação corporal nas escolas na década de 1930.

Educação dos corpos nos jornais

Ao percorrermos os jornais ao longo da década de 1930, observamos articulações entre um projeto higienista e a constituição de uma escola dita moderna sobre os auspícios do movimento escolanovista. Por exemplo, na coluna “Educação e Ensino”, o professor Antônio Fausto (1934), no artigo “A Educação e a Higiene Escolar”, defendia que uma escola sem mentalidade higiênica representaria um cenário ultrapassado, já que na “Escola Nova”, a higiene era primordial. Em seus termos:

Antigamente a escola fornecia só instrução intelectual. O aluno era considerado isoladamente. Hoje além de lhe dar educação geral, acompanha-o na rua e vai lhe prestar assistência na família procurando melhorar social e moralmente o conjunto familiar. A ordem e a higiene são as primeiras condições, o ponto de partida da Escola Nova. A higiene escolar é de grande necessidade pois o mundo intelectual é função do físico. O crescimento é uma lei geral de nosso ser: crescemos mental e fisicamente (Greenwood). [...] Incutir no aluno a necessidade da limpeza desde os cadernos e livros à roupa e ao corpo. [...] Na criação dos Círculos de Mães, explicar-se-á que a higiene deve vir acompanhando a pré-formação do indivíduo. [...] Esses e outros preceitos devem ser ensinados principalmente a mulher, pois educar um homem é educar um indivíduo, educar uma mulher é educar uma geração. As noções de Higiene do curso primário passarão ao secundário. As enfermeiras que vão às casas de família, devem levar esses preceitos e expandi-los ao lar. (FAUSTO, *Jornal do Brasil*, 31 de jan., 1934, p. 14)

Vejamos que o discurso do Professor Antônio Fausto ressalta um caráter de adesão às iniciativas higienistas no campo da educação, condição que relativiza a hipótese de que estas estratégias eram limitadas nos cotidianos escolares e estavam mais presentes nos discursos. Este documento, em específico, ainda nos fornece indícios sobre os objetivos da educação higiênica no âmbito da Escola Nova, e sobre a efetivação de algumas delas, como a presença

das enfermeiras escolares que visitavam as moradias dos alunos. Elas teriam o papel de ensinar no cotidiano do lar os preceitos higiênicos que auxiliariam o desenvolvimento físico e mental dos alunos. Integrando educação e saúde, assim, o foco seria a prevenção, a educação higiênica, superando o modelo campanhista-policial (TELAROLLI JUNIOR, 1996) com ênfase no controle de epidemias no Brasil do final do século XIX e início do século XX. Tratava-se, então, de uma intervenção sobre a infância de um povo debilitado fisicamente. Pensar que o povo estava doente torna-se patente no discurso escolanovista. Por exemplo, Fernando de Azevedo via o país em uma situação caracterizada pela degradação e o abandono. Via na infância brasileira o retrato de um povo fraco fisicamente. Percebia que o Estado era ineficaz até mesmo na alfabetização e ressaltava as precárias condições do sistema de ensino no Brasil. Para ele, no primeiro relance das inspeções nas escolas, no aspecto material, mais acessível à observação, notava-se o completo abandono. As escolas, em sua maioria, instaladas em velhas edificações de aluguel e, às vezes, mesmo em ruínas, ou em prédios mal adaptados aos fins escolares, constituíam um atentado aos nossos foros de cultura e a todos os princípios rudimentares de higiene e educação. Mas, além das instalações, as próprias crianças proletárias estavam abandonadas, como relata:

[...] quem tenha tido o ensejo de observar e experimentar ao vivo o estado de miséria física e social de grande parte da população escolar, de centros urbanos e rurais, não pode passar despercebida a necessidade de incorporar, nas reformas, planos de assistência higiênica e alimentar as crianças pobres, de uma população, sem seiva, sugada até à medula menos pela miséria do que pelas verminoses, pela sífilis e pelas endemias. Mas, entregando-me rasgadamente a uma política de assistência social, sentia que todo êsse esforço não atingiria os objetivos visados, se, ao mesmo tempo, não procurasse pôr em via de solução o problema do tratamento das crianças enfermas das escolas públicas. (AZEVEDO, 1934, p. 184)

Por isso era necessário sedimentar um projeto de educação e saúde como uma intervenção higienista que congregava outros intelectuais de posições políticas heterogêneas. Quando a pauta era a educação higiênica como ferramenta primordial de desenvolvimento da educação e saúde, setores tradicionais e liberais estavam juntos, criando uma série de hibridismos. Em outros debates, médicos e educadores católicos, materialistas, médicos intervencionistas, educadores liberais, cientistas espiritualistas, médicos autoritários, políticos conservadores, todos envolvidos em relações de consenso ou conflito, dependendo da pauta discutida, tornando difícil a organização homogênea de posições políticas e científicas. O cenário era heterodoxo e complexo, contudo na década de 1930, Fernando de Azevedo,

Anísio Teixeira e outros membros do movimento escolanovista, tomaram parte em cargos públicos nas esferas federal, estadual e municipal em um cenário de centralização do poder marcado pela primeira década do governo getulista. A ordem era intervir sobre a realidade social, uma aspiração da mentalidade higienista (STEPAN, 1998), sobretudo no cotidiano das escolas, como a sociedade cobrava nas páginas dos jornais. Exemplo disto foi o artigo “Problemas Infantis”, de 1931, no qual o “Jornal do Brasil” evidencia que a intervenção do Estado na questão estava em seu início:

Mal começamos agora uma certa hygiene escolar muito embora não nos falte profissionais dignos. Quem assiste, no Rio, o sahir de crianças de uma aula nota desde logo a ausência de cuidados hygienicos. (PROBLEMAS INFANTIS, Jornal do Brasil, 3 set. 1931, p. 5)

Como exemplo do caráter mais intervencionista do Estado, podemos destacar a Prefeitura do então “Districto Federal” que cria um aparato governamental para levar a cabo os preceitos higienistas. Em 1933, o Decreto nº4387 de 8 de setembro de 1933 do Interventor Federal (ATOS..., Jornal do Brasil, 12 set., 1933, p. 21) consolida e organiza o aparelho administrativo do então Departamento de Educação, que passava a contar com sete superintendências, duas ligas vinculadas aos aspectos de educação higiênica, a “Superintendência de Educação de Saúde e Higiene Escolar”, e a “Superintendência de Educação Física, Recreação e Jogos”. A primeira contava com:

Artigo 16º - A Superintendência de Educação de Saúde e Higiene Escolar com os encargos constantes do decreto nº 3281 de 23 de janeiro de 1928 para a inspeção médico-escolar e mais os deste decreto, será exercida por:

- vinte e oito (28) superintendentes de Educação de Saúde e Higiene Escolar
- um (1) superintendente de educação e assistência dentárias.
- doze (12) médicos auxiliares, nomeados dentre os funcionários dos quadros do Departamento, com as vantagens e vencimentos que fazem jus atualmente.
- professores de saúde, em número necessário.
- enfermeiras, em número necessário.
- três (3) dentistas chefes
- dentistas, em número necessário. (ATOS..., Jornal do Brasil, 12 set., 1933, p. 21)

Já a Superintendência de “Educação Física, Recreação e Jogos” contava com:

Art. 18º - As superintendencias de Educação Física, Recreação e Jogos de Educação Musical e Artística e de Ensino de Desenho e Artes Aplicadas serão exercidas, cada uma, por um superintendente, com os auxiliares imediatos que se tornarem necessários, designados dentre

funcionários dos quadros do departamento. (ATOS..., Jornal do Brasil, 12 set., 1933, p. 21)

Destacamos que a única superintendência que teve seus quadros definidos pelo Interventor Federal com destaque inclusive em relação aos custos foi a de “Educação de Saúde e Higiene Escolar”, demonstrando a relevância que a mesma tinha no aparato do Departamento de Educação. Pois dos 60 superintendentes do Departamento de Educação, 29 eram deste setor específico. Eles tinham um salário de 24 mil réis abaixo apenas do Diretor Geral (30 mil réis), do Diretor do Instituto de Educação (27 mil réis) o que demonstra de forma inequívoca a influência dos higienistas na máquina administrativa das escolas na capital federal. Considerando, então, o número de médicos, enfermeiras, dentistas, professores de ginástica, temos uma dimensão do papel que a educação higiênica tinha naquelas escolas.

O crescimento da Educação Física nas escolas também foi vertiginoso:

- A criação de cursos de orientação aos professores do 1º e 2º ano, a exemplo do que se fez em 1935 e em vista dos resultados obtidos, dará margem a maior desafogo dos especializados, poderão entregar o 1º e 2º anos á professora de classe, se esta tiver o curso de orientação, podendo assim empregar a sua atividade com alunmos mais adiantados.
- As escolas estão mais ou menos equipadas de material. Sente-se, entretanto, a necessidade de uma verba anual especialmente destinada á aquisição de aparelhamento.
- O quadro comparativo seguinte traduz um simples apreciação do movimento crescente do serviço de educação physica desde o inicio de sua organização:

Annos	1932	1933	1934	1935
Matricula	12.280	27.618	35.854	40.554
Nº de grupos	509	751	1.013	1.203
Nº de aulas	19.825	30.589	28.699	30.886
Escolas	29	54	58	60
Professores	29	55	50	53

Se forem comparados os números de escolas e professores de 1932 com os dos anos seguintes, verifica-se que, enquanto se aperfeiçoou e augmentou o órgão de controle e orientação, tambem se obteve um aumento gradativo de escolas.

Em 1932, quando cada professor atendeu a uma escola (29 professores- 29 escolas), 12.280 crianças tiveram educação physica e recreação, constituindo-se 500 grupos. Em 1935, quando alguns professores se acham em serviço de orientação e controle, foi possível augmentar o número de escolas em proporção mais elevada que o de professores (53 professores, 60 escolas) e dirigir 1.205 grupos num total de 40.554 alunmos. (EDUCAÇÃO PHYSICA, Jornal do Brasil, 5 maio, 1936, p. 19)

Os argumentos oficiais preconizavam um crescimento no atendimento de crianças nas escolas em relação ao acesso à Educação Física em específico, mas também em relação à higiene de forma mais ampla. Os discursos favoráveis a sua prática e à higiene, uniam diversos grupos de intelectuais que influenciavam os órgãos políticos. Cobrados pela sociedade civil, diagnósticos como este, com dados oficiais de órgãos executivos responsáveis pela área de educação apareciam nos jornais, sobretudo na primeira metade da década de 1930.

Como face relevante do projeto higienista a educação dos corpos dos alunos era pautada, principalmente, na ginástica, que foi promovida ao status de “educação physica”. A mudança do termo que no currículo tinha a função de colocar as crianças em práticas corporais que tinham em comum o movimento não era mero estilo. No século XIX o termo “educação physica” envolvia diversos aspectos da educação higiênica, entre eles, a “gymnastica” (SOARES, 2004). Já na década de 1930, não somente a prática das ginásticas, mas jogos ao ar livre, e até mesmo, os esportes, davam maior amplitude a este segmento do currículo, que ainda não era visto como disciplina, mas como uma atividade, que objetivava uma educação do corpo não restrita à ginástica, e que possibilitasse a inculcação de valores higienistas, mas também identitários, no que dizia respeito ao sentimento de nacionalidade. Com essas características, logo surgiram seus defensores no âmbito político. Um projeto que defendia a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas de todo o país, tornou-se, no ano de 1930, motivo de polêmica. Por proposição e influência do Ministério da Guerra, na pessoa General Sezefredo Passos, o Senador Godofredo Vianna apresentou àquela casa legislativa, projeto que tornava obrigatória sua presença no currículo das escolas brasileiras. Embora não tenha sido aprovado³, o projeto levou os jornais ao debate da “educação physica”. No “Jornal do Brasil”:

Essa questão está se tornando mais interessante do que parecia. Há um projecto cuja idéa inspiradora todos acham magnifica. Todos estão de acordo em que precisamos cuidar melhor da educação physica nas escolas. E quando aparece um projecto que procura colimar esta alta finalidade, ao envez de o emendarem onde ele mereça correções querem derrubal-o, mesmo os que são favoráveis a idéa. (O dia dos senadores, Jornal do Brasil, 25 set. 1930, p. 6)

³ Devido aos destaques recebidos por ser considerado inconstitucional à medida que feria a autonomia dos Estados e Municípios, o projeto teve sua aprovação protelada, impedindo uma decisão final, pois o Senado foi dissolvido com a Revolução de outubro de 1930. Posteriormente, na constituição de 1937, a educação física tornou-se obrigatória nas escolas como prática.

Mas além das disputas políticas que envolviam a obrigatoriedade da educação física nas escolas, a prefeitura do Distrito Federal, incentivada pela influência de intelectuais escolanovistas que tornaram-se dirigentes educacionais na capital federal, como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, construiu um projeto de educação higienista que ressaltava a convivência das crianças com práticas ao ar livre como modelo de desenvolvimento da saúde. Daí a influência norte-americana em pedagogias do corpo que visavam jogos recreativos ao ar livre, em parques infantis. Nesta perspectiva, a professora norte-americana Lois Williams teve um papel central, sobretudo na Educação Física nas escolas primárias. A professora Williams teve formação na área nos Estados Unidos, sendo influente na organização da Educação Física nas escolas municipais, e na formação continuada de professores de Educação Física oriundos da Escola Normal. Lois Williams chega ao Brasil por intermédio da seção feminina da Associação Cristã de Moços, e logo, insere-se no círculo da Associação Brasileira de Educação, e posteriormente, ocupa cargos públicos na Prefeitura do Distrito Federal, dirigindo a área de Educação Física na gestão de Anísio Teixeira. O “Jornal do Brasil” dá destaque, em 1932, de uma de suas iniciativas, uma demonstração de Educação Física na Quinta da Boa Vista:

Vinte e cinco escolas publicas tomaram parte nos exercícios que tiveram início ás 9 horas com a presença do Dr. Anísio Teixeira e de todos os inspetores escolares. Os jogos esportivos executados foram Bola Americana, Número três, Número dous, Troca de lugar aos pares, Corrida de braços, Miss ball, Volley ball. A direção do ensino de gymnastica está sob a chefia da professora norte-americana Miss Lois Williams. Todas as escolas que tomaram parte na demonstração provaram os bons resultados do methodo de gymanastica ora adoptado no ensino municipal. A Escola Nilo Peçanha dirigida pela professora Affonsina muito concorreu para o êxito da demonstração de gymnastica de hontem que bastante agradou denotando as alumnas o meu entusiasmo pelos jogos em boa hora introduzidos em nosso meio escolar por Miss Williams (Para fortalecer a raça, Jornal do Brasil, 6 nov., 1932, p. 8)

Esses dados demonstram que a ginástica europeia não era a única fonte de ensino de ginástica, ou educação física, sobretudo, a partir da década de 1930. A influência norte-americana parece ser importante, mas não somente no contexto das escolas presbiterianas ou metodistas, mas inclusive em algumas escolas públicas, como as municipais do Rio de Janeiro. Nesse caso, especificamente, a influência do movimento escolanovista que bebeu nas pedagogias norte-americanas dos jogos, dos parques infantis, dos “play-grounds”, revelam-

nos uma articulação entre um projeto higienista brasileiro e várias vertentes que tinham em comum a intervenção sobre a infância.

Uma evidência sobre a articulação de atores sociais que tinham relevância nos campos da saúde, da educação, da ginástica, eram os eventos promovidos pela Associação Brasileira de Educação (ABE). A partir deles, podemos perceber ao menos a convivência e debate entre membros de associações que a primeira vista estariam isoladas, cada qual com seu projeto. Porém Membros da Associação Brasileira de Educação, da Academia Nacional de Medicina, da Liga Pró-Saneamento, da área de Educação Física, circulavam nos mesmos espaços. Exemplo foi o jantar promovido pela ABE, publicitado pelo Jornal “Diário de Notícias”, em 1932:

Realiza-se hoje, às 20 horas, no Palacio Hotel, um jantar promovidos pela Associação Brasileira de Educação, em que serão tratados assumptos referentes á reforma por que vem passando a instrucção publica do Districto Federal. Foram convidados para tomar parte nesta reunião o Ministro da Educação e o Interventor do Districto Federal. Nas listas de adesão já se encontram os seguintes nomes: Belisario Penna, Ruy de Lima e Silva, Lourenço Filho, Carneiro Leão, Anísio Teixeira, Afranio Peixoto [...], J. P. Fontanelle, Carlos Sá, Gustavo Lessa, [...], Edgar Sussekind de Mendoça [...], Heitor Villa Lobos [...], Lois Williams [...] e Roquete Pinto. (Associação Brasileira de Educação, Diário de Notícias, 2 abr. 1932, p. 6)

A década de 1930 representava não mais a idealização de preceitos higienistas propostos por intelectuais como no século XIX (GONDRA, 2004). A centralização do poder na Era Vargas, sem dúvida, um ataque à democracia, sobretudo, a partir do Estado Novo, paradoxalmente, soube seduzir muitos intelectuais brasileiros do campo da saúde e educação que planejaram, mas também, interviram na realidade das escolas a partir de estratégias de educação dos corpos. Nos termos de seus partícipes, esta mentalidade intervencionista colaborava com a idealização de estratégias propositivas que interferiam na legislação, mas também no cotidiano escolar. O artigo “1830-1930”, de Gomes Ribeiro, publicado no jornal “O Paiz”, nos dá a certa medida destas transformações. Nas suas palavras:

1830-1930 - Qual será a mentalidade reinante de hoje a um século? Eis uma pergunta que nos vem naturalmente ao espirito, ao compararmos o homem, e sobretudo a mulher, de 1930 com o homem e a mulher de 1830. [...] A doença do espirito reflectiu-se no corpo. Desconheciam-se a gymnastica e a hygiene; uma reflorescencia de mysticismo medieval declarou guerra ao corpo: morrer jovem e tísico era gloria summa dos poetas românticos, á maneira de Soares de Passos e Casimiro de Abreu. [...] Todos quizeram viver, com mais hygiene e maior conforto. Applicaram á industria as conquistas da sciencia; augmentou-se a riqueza, desenvolveu-se o

progresso. Viagrou-se muito; os povos conheceram-se uns aos outros, repartindo entre si o que tinham de melhor. O homem reconheceu que a terra era mais que um cemitério, e que a própria morte não passava de uma transformadora da vida. A alegria renasceu de novo; uma alegria sã e consciente, que se alimentou de realidades, que abstraiu do efêmero parcial, para se integrar na eternidade do Todo. A biologia e a psychologia entraram em colaboração, para o estudo do homem, para lhe dar saúde e consciência de si mesmo. O homem atingiu, com o século vinte, uma espécie de maioridade colectiva. [...] A mulher é hoje um sêr pensante... Não teme a saúde, antes se robustece pela cultura physica. Faz gymnastica, disputa provas de natação, e, por isso vence os homens, em concursos para empregos publicos e particulares. Não fica mais a suspirar á lua, como as Ophelias de 1830. Não fia a sorte dos astros, mas do aperfeiçoamento individual, do esforço consciente, da lucta dynamica, que lhe traz a alegria da victoria. Veste-se mais levemente, para se mover com mais desembaraço. Despreza madrigais, e ama a discussão com o homem. Sonha menos e trabalha mais. Contraste radiante com a mulher e o espirito de 1830! (Ribeiro, O Paiz, 15 jan., 1930, p. 3)

Para Gomes Ribério, a higiene representava as conquistas de um mundo moderno orientado pelos auspícios da ciência e da saúde, possibilitando até mesmo a conquista de espaços, originalmente masculinizados, como o esporte, por parte das mulheres.

Depois da análise destes dados, concluímos que nossa hipótese inicial, que residia na influência limitada dos discursos higienistas sobre o cotidiano das escolas na cidade do Rio de Janeiro no mesmo período não se sustentou. Pois, ao contrário, observamos a partir dos resultados obtidos que o debate intelectual influenciou as políticas públicas, e em alguns contextos específicos atingiu o cotidiano das escolas no Rio de Janeiro. Atentamos para o fato de que, em específico, na década de 1930, na capital federal, intelectuais ocuparam cargos públicos estratégicos no campo da Educação, sobretudo, no início da década de 1930, como por exemplo, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, o que possibilitou avanços consideráveis na intervenção higienista.

Referências Bibliográficas

ATOS do Sr. Interventor Federal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 21, 12 set., 1933.
AZEVEDO, Fernando. **Novos caminhos e novos fins**. São Paulo, Melhoramentos, 1934.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica:** higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 19, 5 mai., 1936.

FAUSTO, Antonio. A Educação e a Higiene Escolar. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 14, 31 jan., 1934.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento**, as bases da política de Saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.

O DIA dos SENADORES. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 25 set., 1930.

PARA FORTALECER a RAÇA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 6 nov., 1932.

PROBLEMAS INFANTIS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 5, 3 set., 1931.

RIBEIRO, J. M. G. 1830-1930. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 3, 15 jan., 1930.

SOARES, Carmen Lucia. Educação do Corpo. In: Gonzalez, F.; Fenterseifer, P. **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, p. 219-225, 2014.

STEPAN, N. "Tropical Medicine and public health in Latin America". **Medical History**, London, v. 42, n.1, p. 104-113, jan. 1998.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. **Poder e Saúde**. São Paulo, Ed. Unesp, 1996.

VEYNE, Paul. **Como se escreve história**. 4 ed. Brasília: EdUnB, 2008.